

Estou bêbedo, sentado com Tristessa no táxi que rola pelas ruas, com uma enorme garrafa de *bourbon* Juarez dentro da maleta de dinheiro dos caminhos-de-ferro, a maleta bem recheada que me acusaram de surripiar nos meus tempos de ferroviário, em 1952 — eis-me aqui na Cidade do México, numa noite chuvosa de sábado, mistérios, velhas ruas secundárias sem nome, saídas de um sonho, a rodopiar, a ruela acanhada que percorri por entre soturnas multidões de índios sem eira nem beira, embrulhados em ponchos trágicos, capazes de me levar às lágrimas, e pareceu-me ver navalhas a relampejar debaixo das pregas de tecido — sonhos lúgubres, tão trágicos como o da Vetusta Noite Ferroviária em que o meu pai se senta, de coxas anafadas, na nocturna carruagem fumegante, lá fora está um guarda-freio com a sua lanterna encarnada e a sua lanterna branca, a caminhar pesadamente por entre as brumas, nos tristes carris infindáveis da vida — mas agora eis-me no cimo deste planalto de mexicana Verdura, ao luar de Citlapol que há escassas noites iluminou os meus passos trôpegos sobre o terraço sonolento, a caminho da velha latrina de pedra gotejante — Tristessa está pedrada, linda como sempre, e volta para casa, feliz da vida, para se ir deitar e saborear a sua morfina.

Na noite da véspera tivemos uma serena discussão à chuva, sentei-me com ela nas trevas dos balcões da Meia-noite, a comer pão e sopa e a beber Delaware Punch, e emergi dessa conversa com uma visão de Tristessa na minha cama, nos meus braços, a estranheza das suas maçãs do rosto tão repletas de amor, uma rapariga índia, asteca, com olhos de misteriosas pálpebras à Billy Holliday, que falava com uma voz cheia e melancólica como a de Luise Rainer, atrizes vienenses de rostos tristes que faziam chorar toda a Ucrânia em 1910.

Ondulações magníficas de pêra moldam-lhe a pele até aos malares, e longas pálpebras tristes, e uma resignação de Virgem Maria, e uma tez de café com penugem de pêssego, e olhos de assombroso mistério onde nada perpassa, nada-senão-o-mais-arreigado meio desdém inexpressivo e um lamento de dor com o seu quê de pesaroso. «Eztô duenté», eis o que ela repete vezes sem conta no quarto, a mim e a Bull — Estou na Cidade do México, de cabelo revoltado e ideias em desalinho, a rolar num táxi diante do Ciné Mexico em chuvosos engarrafamentos de trânsito, bebo goladas da garrafa, Tristessa lança-se em longos aranzéis para me explicar que a noite passada, quando eu a meti no táxi, o motorista tentou atirar-se a ela, obrigando-a a defender-se a murro, história esta que o presente motorista ouve sem comentários — Vamos a caminho da casa de Tristessa para nos sentarmos num canto e nos pedrarmos — Tristessa já me avisou que reina na casa a maior das balbúrdias porque a irmã dela está bêbeda e doente, e El Indio vai lá estar também, de pé, majestoso, com a seringa de morfina virada para baixo no grande braço castanho, a fitar-nos com os seus olhos cintilantes ou à espera que a ponta da agulha lhe traga a ansiada labareda em si, e a soltar «Hm-za... a agulha asteca na minha carne de lume», muito parecido com o matulão lá em Culiao que me deu a conhecer as delícias do ópio da vez em que descí até ao México para entrever outras visões — A minha garrafa de *whiskey* tem uma estranha tampa mexicana macia que me preocupa bastante, acho

que se vai soltar e a minha maleta vai ficar toda ensopada em *bourbon* com 43% de álcool.

Pelas ruas tresloucadas desta noite de sábado batida de chuviscos, dir-se-ia Hong Kong, o nosso táxi vai furando devagarinho através da zona do mercado e emergimos nas ruelas das pegas e apeamo-nos atrás das frutíferas bancas de fruta e das barraquinhas com bancos de madeira pregados que vendem tortillas de feijão e tacos — É o bairro pobre de Roma.

Pago 3,33 da corrida do táxi, dando ao taxista 10 pesos e pedindo-lhe «seis» de troco, que recebo sem comentários, e pergunto a mim mesmo se Tristessa não me achará demasiado espalhafatoso, qual John Beberrão armado em ricaço no México — Mas não há tempo para pensar, apressamo-nos através dos passeios escorregadios cheios de reflexos do néon cintilante e da chama das candeias dos fulaninhos sentados na calçada, com nozes espalhadas numa toalha para vender — dobramos a esquina, céleres, na viela fétida onde ela mora, num humilde apartamento do primeiro andar que mais parece uma cela — Passamos por torneiras a pingar e baldes e rapazes e baixamo-nos por causa da roupa nos estendais e chegamos à porta de ferro dela, que está destrancada e dá a ver os interiores de adobe, e penetramos na cozinha, com a chuva ainda a cair das frondes e tábuas que servem de cobertura à divisão — deixando entrar finos chuviscos que chilreiam na cozinha, sobre o monturo das galinhas, no canto húmido — Onde, miraculosamente, vejo agora a gata rosada a fazer um fiozinho de chichi sobre montes de quiabos e ração de galinhas — O quarto de dormir, mais ao fundo, está completamente juncado de lixo, como se um bando de loucos o tivesse saqueado, com jornais rasgados por todo o lado e a galinha a debicar o arroz e os pedacinhos de sanduíches pelo chão — Na cama jaz a «irmã» doente de Tristessa, embrulhada numa mantazinha cor-de-rosa — é tão trágico como na noite em que Eddy levou um tiro na chuvosa Russia Street —

\* \* \*

Tristessa está sentada na beira da cama, a ajeitar as meias de *nylon*, puxa-as desajeitadamente dos sapatos com o grande rosto triste a perscrutar os próprios esforços, de lábios franzidos, e eu observo o modo como ela torce os pés para dentro, num gesto convulso, ao olhar os sapatos.

É tão bonita, dou por mim a pensar o que diriam todos os meus amigos lá em Nova Iorque ou em São Francisco, e o que aconteceria em Nova Orleães quando a vissem a caminhar pela Canal Street abaixo ao sol quente e ela de óculos escuros e com um andar ocioso e sempre a tentar amarrar o quimono ao sobretudo fino, como se o quimono devesse prender-se ao sobretudo, a puxá-lo convulsivamente, apalermada no meio da rua, a dizer «Aqui eztá el táxi — eh elhos eh quien — pronto, já eztá — eu después te trago el dinêro.» Dinheiro é dinêro. Na boca dela, dinheiro soa tão estranho como na da minha velha tia franco-canadiana de Lawrence, «Non é o teu dinerô que eu quero, é o teu amorre» — Amor é amorre. «É o teu amôrre.» Morrer de amorre. — O mesmo com Tristessa, ela está tão pedrada o tempo todo, e doente, chuta dez gramas de morfina por mês, — anda aos tropeções pelas ruas da cidade e todavia tão bela que as pessoas voltam a cabeça para a olhar — Tem uns olhos radiosos e cintilantes e as faces húmidas da neblina e o cabelo índio é negro e elegante e escorrido, pende atrás em 2 tranças, revirado na nuca como um rolo de relva pronto a estender (o penteado correcto das Índias na Catedral) — Os sapatos que ela não pára de contemplar são novos em folha, não estão esfolados, mas ela deixa as meias de *nylon* tombar uma e outra vez e torna a puxá-las para cima e torce os pés convulsivamente — Percebe-se logo que linda rapariga ela seria em Nova Iorque, vestida com uma saia rodada às flores *à la New Look*, com uma camisola Dior de caxemira cor-de-rosa bem colada ao peito miúdo, com os lábios e os olhos tão encantadores como agora, a completar a magia. Aqui, está reduzida às suas roupas soturnas de Senhora Índia empobrecida — Vemos as índias na escuridão inescrutável

dos vãos das portas, semelhantes a buracos na parede, não mulheres — as roupas que trazem no corpo — e olhamos de novo e vemos a ousada, nobre *mujer*, a mãe, a mulher, a Virgem Maria do México. — Tristessa tem um enorme ícone num canto do quarto de dormir.

Está voltado para o interior do quarto, encostado à parede da cozinha, no canto direito de quem está virado para essa lastimável cozinha, com os chuviscos a gotejar, inefáveis, dos galhos de árvore e barrotes do telhado (o tecto bombardeado de um abrigo antiaéreo) — O ícone representa a Virgem Mãe a olhar-nos do seio das suas *charaderies* em tons de azul, das suas vestes e adereços de Damema, e é ali que El Indio ora devotamente antes de sair para comprar droga. El Indio é vendedor de lembranças, supostamente, — nunca o vejo na San Juan Letran a vender crucifixos, nunca vejo El Indio na rua, nem em Redondas, nem em lado nenhum — A Virgem Maria tem um círio, mais uma data de candeias de vidro económicas a transbordar de cera que ardem durante semanas a fio, como moinhos de orações tibetanos, a ajuda inesgotável que emana do nosso Amida — Sorrio ao ver este ícone encantador —

Em volta encontram-se fotografias dos mortos — Quando quer dizer «os mortos», Tristessa junta as mãos em postura piedosa, indicando a sua crença asteca na santidade dos mortos, e portanto na santidade da essência — E é por isso que tem ali uma fotografia do falecido Dave, meu velho compincha de anos idos, morto de hipertensão aos 55 anos — O seu rosto vagamente greco-índio olha-nos do retrato pálido e indefinível. Nem o consigo ver bem, no meio de tanta neve. Está no céu, de certeza, de mãos postas em V, no eterno êxtase do Nirvana. É por isso que Tristessa não pára de juntar as mãos e orar, dizendo «Amo o Dave», pois amava o seu antigo amo — Ele era um velho apaixonado por uma rapariguita. Com 16 anos, ela já era viciada em drogas. Ele tirou-a das ruas e, ele próprio um drogado sem ter onde cair morto, fez das tripas coração e acabou por estabelecer con-